

REDES SOCIAIS: ALIADAS OU VILÃS DA EDUCAÇÃO?

Vanessa Umbelina (USP/UFF)

RESUMO: O objetivo deste artigo é discutir algumas questões relacionadas ao uso pedagógico das redes sociais. Abordamos a introdução de tecnologias na educação, tendo por base teóricos e especialistas no assunto; tratamos da utilização das redes sociais na escola; e, por fim, focamos as redes educativas, especificamente a Edmodo, destacando funcionalidades da plataforma, bem como possibilidades de uso para o professor.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia e educação. Redes sociais. Redes sociais educativas. Edmodo.

RESUMÉ: Le but de cet article est de discuter quelques sujets par rapport à l'usage pédagogique des réseaux sociaux. Nous avons examiné l'introduction de technologies dans l'éducation, ayant pour base des théoriques et des spécialistes autour du thème; nous avons abordé l'utilisation des réseaux sociaux dans l'école ; et, finalement, nous avons analysé les réseaux sociaux éducatifs, spécifiquement l'Edmodo, en montrant des fonctionnalités de la plateforme, aussi que des possibilités d'usage pour le professeur.

MOTS-CLÉ: Technologie et éducation. Réseaux sociaux. Réseaux sociaux éducatifs. Edmodo.

Introdução

Historicamente, a inclusão de tecnologias na educação, ainda que tenha servido para potencializar as ações didáticas e promover transformações positivas, não ocorreu de forma tranquila, por envolver muitas implicações ao processo, tocando em, pelo menos, duas questões-chave: formação docente e mudanças de práticas pedagógicas (SILVA, 2010).

Hoje, o cenário não é diferente. As possibilidades trazidas pelas novas tecnologias de informação e comunicação, a expansão da Internet e o desenvolvimento de *softwares* sociais, isto é, "*softwares* com aplicação direta para a comunicação mediada por computador" (RECUERO, 2009: p. 102), difundidos graças a Web 2.0 (O'REILLY, 2005 apud GOMES et al. 2012: p. 16), acarretam grandes desafios a serem enfrentados no âmbito educacional.

Com efeito, apesar de já fazerem parte do nosso cotidiano, tais inovações ainda não estão inseridas, de maneira efetiva, no ambiente escolar e nas práticas pedagógicas dos professores. Isso porque, a escola como conhecemos passa por uma nova fase de crise,

caracterizada pela dificuldade de adequação ao atual contexto de rápidas e constantes transformações tecnológicas, como anuncia Moran (2004):

A Internet, as redes, o celular, a multimídia estão revolucionando nossa vida no cotidiano. Cada vez resolvemos mais problemas conectados, a distância. Na educação, porém, sempre colocamos dificuldades para a mudança, sempre achamos justificativas para a inércia ou vamos mudando mais os equipamentos do que os procedimentos. A educação de milhões de pessoas não pode ser mantida na prisão, na asfixia e na monotonia em que se encontra. Está muito engessada, previsível, cansativa.

É justamente contra o que caracteriza a educação hoje, como citou Moran, que a maior parte dos professores trava uma batalha diária em sala de aula. E não podia ser diferente, visto que, todos os anos, chega às escolas uma nova geração de alunos, os nativos digitais, já alfabetizados numa outra lógica de linguagem, mais dinâmica, interativa, do hipertexto, dos games, da Internet. Assim, do lado oposto está a escola, que ainda funciona sob o alicerce de práticas ultrapassadas, com materiais lineares, reproduzindo métodos seculares.

Observando essa clara dicotomia, é pouco compreensível que, no contexto escolar, ainda existam forças que impeçam o uso de recursos e ferramentas utilizados em nosso dia a dia. Isso reforça a impressão de que a instituição, paradoxalmente, está alheia ao que se passa em seu entorno (GOMES et al., 2012) e de que talvez não esteja voltada para o futuro como deveria, mas, precariamente, para o passado, uma vez que: “A Internet e suas diversas plataformas, incluindo as redes sociais, são uma realidade social. Estão presentes no cotidiano de diversas sociedades e tendem a ser o principal meio de comunicação mediada.” (SILVEIRA, 2009: p. 86-87).

Entendemos a situação como paradoxal, porque compartilhamos da visão do educador americano John Dewey (1959), que critica a separação existente entre a escola e a vida dos alunos. Para ele, em razão de estar assentada sobre o princípio de preparação para a vida, a escola torna-se artificial, um simulacro de vida, que dificilmente será experienciada. Assim, o autor considera que a escola deve ser a própria vida e estar o mais próxima possível do que vivenciam os educandos, isto é, adaptada à cultura destes, visto que experiência e aprendizagem, segundo Dewey, não se distinguem.

Os próprios alunos percebem a escola tradicional como distante de sua realidade, como já ressaltava McLuhan (1967 apud A VISÃO [...], 2007), há quase 50 anos:

A criança hoje fica confusa ao entrar num ambiente que remonta ao século 19 que caracteriza a estrutura educacional onde a informação é escassa, porém, ordeiramente enfileirada em seus fragmentos, com os assuntos classificados em padrões e agendas.

Desse modo, professores se dividem basicamente em dois grupos: de um lado os entusiastas da tecnologia, que a entendem como a solução de todos os problemas da educação, e de outro os que a veem com desconfiança e ceticismo. Para o primeiro caso, cabe a ênfase de que a tecnologia é um meio, não fim. Ou seja, parece claro que, sozinhas, não serão as responsáveis por transformar a escola; contudo, o uso consciente que cada educador pode fazer delas, associado às suas práticas e metodologias pedagógicas, pode contribuir, com eficiência, nesse processo.

No outro caso, de modo geral, se encaixam aqueles que ainda consideram que a informação e o conhecimento estão centrados na figura do professor, situação que é posta definitivamente em xeque, em razão das velozes transformações tecnológicas e da facilidade de acesso à informação proporcionado pela Internet. Em oposição a esse pensamento, decorre um novo arranjo, no qual “é preciso que se esteja em permanente *estado de aprendizagem e de adaptação ao novo*. Não existe mais a possibilidade de considerar-se alguém formado, independentemente do grau de escolarização alcançado.” (KENSKI, 1998: p. 60, grifo do autor).

Em síntese, a tecnologia precisa, antes de tudo, ser entendida como mediação e o professor, mediador, “estimulador da curiosidade do aluno por querer conhecer, por pesquisar, por buscar a informação mais relevante” (MORAN, 1995) e transformá-la em conhecimento.

Em vista desse novo quadro, ainda em construção que se apresenta, entre os especialistas em educação, começa a ser consensual que a escola e os educadores não podem ficar à margem dessa tendência. Tori (2012: p. 9), na mesma perspectiva, vai ao cerne da questão e considera que:

[...] a Escola deve se adaptar à cultura à qual seu aluno pertença. Portanto é imprescindível que incorpore a cultura das redes sociais, da interatividade, da permeabilidade virtual-real, das comunidades colaborativas, cultura essa que já é, ou está se tornando, realidade em praticamente todas as camadas sociais.

Nesse sentido, os *sítes* de redes sociais, em especial aqueles voltados para a educação, configuram-se como recursos dos quais o professor pode-se valer para complementar as suas ações didáticas, proporcionando aos alunos uma experiência de aprendizado mais estimulante e significativa, além de mais próxima de suas realidades, visto que o chamado fenômeno das redes sociais tem ganhado destaque principalmente na vida dos jovens.

Redes sociais na educação

Uma rede social, em sentido amplo, conforme Recuero (2009: p. 24, grifo da autora), “é definida como um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas *conexões* (interações ou laços sociais).” Dessa forma, nota-se que na essência dessas redes, virtuais ou não, encontram-se aspectos como a interatividade, criação de laços e conexão com o outro, isto é, elementos fundamentais e intrinsecamente humanos.

A autora também chama a atenção para a diferença entre redes sociais e *sítes* de redes sociais, os quais ela descreve como espaços “para a expressão das redes sociais na Internet” (RECUERO, 2009: p. 102), e complementa:

Sítes de redes sociais foram definidos por Boyd & Ellison (2007) como aqueles sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator. (RECUERO, 2009: p. 102)

Nesse sentido, a popularidade e a aceitação desse tipo de *síte* cresceram no País, sobretudo nos últimos nove anos, com a chegada do Orkut, primeiro grande fenômeno de rede social, que, como se sabe, perdeu espaço para o gigante Facebook (hoje com mais de 1 bilhão de usuários em todo o mundo, com o Brasil entre os cinco países que mais usam a rede), também criado em 2004, mas aberto para cadastro público apenas em 2006.

Uma pesquisa divulgada, em outubro de 2012, pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), mapeou uso e hábitos na rede de crianças e adolescentes usuários de Internet, dos 9 aos 16 anos. A TIC Kids Online Brasil (2012) foi realizada pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic.br), que adaptou o modelo da pesquisa europeia (EU Kids Online) à realidade brasileira. O resultado mostrou que 70%, nessa faixa etária, estão nas redes sociais, proporção que aumenta de acordo com a idade, chegando a 83%, aos 15-16 anos. Desses, mais da metade (53%) acessa seus perfis e redes diariamente.

A pesquisa também apreendeu que a maior parte dos jovens entrevistados utiliza a Internet, sobretudo para fazer trabalhos escolares (82%) e para acessar uma página ou perfil de uma rede social (68%). Esses dados permitem considerar que ambas as atividades concorrem praticamente equiparadas em importância na vida dessa população em idade escolar.

Diante desse cenário, parece evidente que as redes sociais virtuais não podem ser ignoradas e desconsideradas do processo do educativo, visto fazerem parte da realidade e do cotidiano da maior parte dos jovens. Hoje, a principal preocupação e o que se tem discutido pelos estudiosos em tecnologias educativas é como introduzi-las na educação e usá-las de maneira segura, efetiva e produtiva – proporcionando um aprendizado em rede.

Apesar disso, o uso nas escolas ainda gera discussões e opiniões divergentes. Muitos estabelecimentos de ensino restringem e até proíbem o acesso, com a intenção de evitar a dispersão dos alunos ou outros tipos de problemas. Sabemos que proibir não é a solução, principalmente porque, atualmente, com a facilidade de acesso à Internet, por meio de celulares e outras tecnologias móveis, torna-se muito fácil e até convidativo aos alunos burlarem tais ordens, que não fazem sentido para eles, como revela o dado divulgado em dezembro de 2012, durante o evento sobre Inovação em Educação, TEDxUnisinos, de que 88% deles acessam redes sociais durante as aulas.

Ora, por que divergir, em vez de convergir? Se o que busca o professor é a mesma atenção e envolvimento que os alunos demonstram ao interagir nas redes sociais (TORI, 2012), por que não torná-las um recurso lúdico-didático, promovendo um ensino mais significativo e próximo de suas realidades?

Para tanto, faz-se necessária a ênfase de que a introdução das redes sociais na educação, como de qualquer outro instrumento, não deve ser feita de maneira aleatória. Em primeiro lugar, porque o uso pessoal de uma plataforma como essa é completamente diferente daquele com fins pedagógicos (SILVA, 2010); logo, é preciso que, além de treinamento para saber operar a ferramenta, as práticas e metodologias estejam inseridas em um projeto educacional mais amplo e bem definido. O apoio da gestão escolar, para legitimar as ações do professor, perante os alunos e os pais, também é fundamental. Com isso, pretende-se evitar o que vem ocorrendo em alguns casos malsucedidos já relatados, como subutilização da ferramenta, em razão de abordagens que refletem os modelos de práticas e metodologias tradicionais no espaço virtual.

Mas, diante de tantos desafios, pode surgir a indagação: afinal, quais as vantagens de utilizar as redes sociais com fins pedagógicos? A professora e mestre em Educação, Renata Kelly da Silva (2010), que é adepta desse recurso, destaca diversos pontos positivos, os quais, pela relevância, transcrevemos a seguir:

Na minha opinião, os professores, ao se darem conta do potencial pedagógico das redes sociais, perceberão que suas aulas irão além dos muros da escola, ampliando o que é aprendido na sala de aula, principalmente, quando compreenderem o potencial que elas proporcionam, como a troca de ideias, a construção de conhecimento e, principalmente, a ampliação das relações sociais. [...]

Diante da minha experiência como educadora, os professores terão outros ganhos também, como superar a si próprio em relação à resistência ao uso da tecnologia na escola, à falta de motivação e comprometimento com o seu papel de educador. O aluno terá uma aprendizagem significativa dentro do seu contexto de vida, afinal, eles poderão ter sua aprendizagem enriquecida, mediada pelas tecnologias digitais, através de uma aprendizagem colaborativa. Dentro desse contexto, eu entendo que o processo de construção do conhecimento, através do uso pedagógico das redes sociais, sugere que o aluno amplie seu interesse na escola, favorecendo a continuidade de seus estudos, na vida e ao longo dela. Outro fator que ressalto é a relação entre o professor e aluno, que pode estreitar-se de forma positiva, num curto espaço de tempo, devido à intensidade e à frequência de uso. Reforço, também, que as redes sociais, quando mediadas, se tornam importantes e auxiliam tanto o aluno quanto o professor na construção de novos conhecimentos.

No entanto, é preciso atentar para o fato de que nem todas as redes sociais apresentam o mesmo potencial pedagógico. É o que mostra João Mattar (apud MODESTO, 2011), ao estabelecer uma classificação das principais, dividindo-as em: a) redes que possuem ampla penetração na sociedade, mas apresentam poucos recursos educacionais: Facebook, Orkut, etc.; e b) ferramentas que, além de terem a função de rede social, também disponibilizam conteúdos aos usuários. São as que mais apresentam resultados positivos na educação: YouTube, Twitter, Flickr.

Atualmente, poderíamos inserir outro tipo à categorização de Mattar: as redes sociais educativas, que já são consideradas a melhor opção para uso educacional.

Redes sociais educativas

As redes sociais educativas funcionam como uma rede social virtual comum, com a diferença de que são voltadas especificamente para a educação. De maneira geral, têm a função de facilitar a comunicação entre professores, alunos, pais e escola, de um modo mais seguro e focado, porque são espaços fechados. À semelhança de um ambiente virtual de aprendizagem, muitas possuem ferramentas que auxiliam a elaboração de atividades e tarefas educativas na própria plataforma, além de permitir a conexão entre professores e escolas, ou seja, forma-se uma verdadeira rede, na qual é possível trocar experiências, contribuições e compartilhar informações.

Especialistas em educação têm apontado essas redes como a melhor opção para uso pedagógico em razão de suas características de funcionamento. Em ambientes como esse, as palavras-chave são interação, dinamismo, compartilhamento, colaboração e aprendizado em rede.

Gomes (2012 apud BELÉM, 2012) ressalta que as redes educativas são interessantes para os professores, pois permitem monitorar as atividades em sala de aula e acompanhar o rendimento dos alunos, de acordo com as disciplinas em que eles estão tendo maior ou menor dificuldade; e por possibilitar que eles sejam autores de seus planejamentos, podendo organizar melhor as sequências de aulas e materiais. No tocante aos benefícios para os alunos, o autor destaca que esse tipo de rede ajuda “no desenvolvimento da autonomia entre os estudantes (também chamada de autorregulação), pois [...] o aluno experimenta uma diversidade de situações e aprende que é preciso ter disciplina para exercitar essa autonomia.” (GOMES, 2012 apud BELÉM, 2012).

Ademais, destacamos que o aluno tem a possibilidade de desempenhar outro papel, mais horizontal no processo educativo, na medida em que passa a ser colaborador, agente ativo na construção do conhecimento, pois além de receber orientações e participar de atividades extraclasse, por exemplo, pode, igualmente, compartilhar dúvidas, informações e contribuir com os colegas e o professor. Isso, segundo Moran (2011), é o que caracteriza a educação, efetivamente:

Educar é, fundamentalmente, um processo de comunicação entre pessoas, mediado por tecnologias, simples, comuns (voz, escrita) ou tecnologias audiovisuais (vídeos, redes, Internet). Mas o mais importante é não esquecer que a educação é um processo de intercâmbio, de troca e não somente de fala de um para o outro. Comunicação significa que há alguém mais experiente, mas o outro,

o sujeito, o aluno também é importante no processo. Não é só alguém que só escuta. Ele participa e produz novos significados.

Não por acaso, apesar de as primeiras redes sociais educativas terem surgido nos Estados Unidos, nos últimos anos, têm sido muito utilizadas e reproduzidas em todo o mundo. No Brasil, por exemplo, já existem algumas. As principais são: 1) **Ebah**: criada em 2006, por alunos da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), e voltada para a comunidade acadêmica (graduação e pós); 2) **Passei Direto**: criada em 2012, por alunos da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), é voltada para universitários; 3) **Redu**: criada em 2010, na Universidade Federal de Pernambuco, e voltada para estudantes, professores dos ensinos fundamental, médio e superior; produtores independentes; profissionais de consultoria e treinamento RH; e 4) **Stoa**: criada em 2007, na USP, é voltada apenas para estudantes, professores, funcionários e ex-membros da Instituição.

Embora tenham a vantagem de ser totalmente em língua portuguesa, a maior parte das redes brasileiras criadas possui públicos-alvo e características que não correspondem ao que é preciso para serem usadas em escolas de ensinos básico, fundamental e médio, por exemplo. Dentre as apresentadas, a que mais se aproxima disso é a Redu, já destaque em alguns eventos sobre tecnologia na educação. No entanto, o plano gratuito (mais interessante para professores de escolas públicas) apresenta algumas restrições, como a quantidade de alunos (somente 30 – hoje, como se sabe, a maior parte das salas de aulas das escolas públicas brasileiras apresenta quantidade superior de alunos). Além disso, a plataforma ainda não disponibiliza tantas ferramentas como a rede Edmodo, que será explorada um pouco melhor, na sequência.

Edmodo

Lançada em setembro de 2008, e, atualmente (2013), com 15 milhões de usuários, em todo o mundo, o Edmodo é uma rede social educativa, surgida, segundo seus desenvolvedores – dois americanos, Nic Borg e Jeff O’Hara –, a partir da percepção de que era necessário fazer o ambiente escolar se adequar à tendência do mundo conectado em que vivemos e também diminuir a diferença entre como os estudantes vivem e a maneira como eles aprendem na escola.

É gratuita e está disponível em sete línguas: português, inglês, espanhol, grego, alemão, francês e holandês. Para acessar a plataforma, há três tipos de cadastros: como professor, estudante ou pais/responsáveis. Uma facilidade é a possibilidade de acesso por

dispositivos móveis, iPhone e aparelhos do tipo Android, por meio de um aplicativo gratuito, disponível para *download*.¹

Efetuada o *login*, o primeiro aspecto que chama a atenção na página inicial são as semelhanças com o Facebook. Apesar disso, é preciso destacar as principais diferenças entre as duas redes, e que caracterizam o Edmodo como mais eficiente para uso pedagógico. São elas: privacidade e foco educacional; fácil aceitação por parte dos alunos, justamente pelas semelhanças com o Facebook; ao contrário deste, não é bloqueado em instituições de ensino; pela facilidade de criar atividades na plataforma, substitui-se folhas para exercícios-extras; melhor acompanhamento de acesso dos alunos; e possibilidade de parceria com os pais no monitoramento da realização das atividades pelos alunos.

Possibilidades de uso para o professor

Além das vantagens mencionadas, da interface atrativa e do uso intuitivo como qualquer rede social comum, o Edmodo acumula ferramentas e funcionalidades encontradas em ambientes virtuais de aprendizagem. Destacamos, abaixo, as principais, explicando funções e descrevendo as possibilidades de uso para o professor:

- Anotação: corresponde ao “mural” do Facebook. Por meio dele, é possível disponibilizar *links* para documentos, vídeos, materiais, comentários, etc. Também poder ser utilizada como Fórum, pois há a opção de escolher o(s) grupo(s) que estará(o) presente(s) no debate. Por meio dessa ferramenta, os alunos também podem compartilhar *links* e comentários para o grupo ou apenas para o professor. Todas as anotações são enviadas para o *e-mail*. Dessa forma, aluno e professor recebem as atualizações e não perdem o que é discutido ou disponibilizado na plataforma.
- Alerta: é semelhante ao Twitter, pois permite a inclusão de pequenos textos, com até 140 caracteres, que são enviados para o *e-mail*. O professor pode lembrar os alunos sobre atividades pendentes, calendário escolar, etc.
- Tarefa: permite que o professor envie atividades extraclasse para os alunos (lição de casa, por exemplo), com data-limite para entrega. A correção e atribuição das notas podem ser realizadas *on-line*, na própria plataforma.
- Quiz: o professor pode disponibilizar perguntas aos alunos, com até quatro tipos de respostas: múltipla escolha, verdadeiro ou falso, resposta curta e complete a

¹ Disponível em: <<http://www.edmodo.com/mobile/>>.

lacuna. Pode delimitar o tempo de duração da atividade – que continua a correr, mesmo que o usuário saia do Edmodo – e também atribuir pontuação para cada questão, obtendo a nota final de cada aluno, que pode ser adicionada ao Gradebook (espécie de Diário de Classe). Há, ainda, possibilidade de carregar *quizzes* anteriores, visualizar e imprimir antes de publicar, além de inserir *links* e documentos da Biblioteca. É preciso escolher uma data de entrega.

- Enquete: funciona como pesquisa de opinião. Os resultados só aparecem após o aluno efetuar a resposta, o que permite, por exemplo, que dê a sua opinião, de fato, sem ser influenciado pelos outros respondentes. Exemplos de uso: a) mensurar o conhecimento prévio sobre determinado assunto que será trabalhado em aulas futuras (permitindo que o professor adapte a aula de acordo com o que os alunos já sabem a respeito); b) dar possibilidade de escolha aos alunos sobre qual texto, vídeos ou materiais, disponíveis na biblioteca escolar, preferem utilizar nas aulas: os materiais que receberem mais votação são utilizados.
- Biblioteca: há três tipos de armazenamento de documentos (vários formatos), *links*, vídeos, etc. É possível criar pastas, organizando os assuntos por tópicos. Outra facilidade é que todos os documentos postados no mural são automaticamente armazenados. Além disso, é possível publicar documentos que já estão na Biblioteca. Os alunos tem acesso às pastas criadas e podem baixar os arquivos disponibilizados pelo professor. Um diferencial interessante é a possibilidade de conectar a Biblioteca ao Google Docs, permitindo a sincronização dos documentos, que podem ser visualizados, editados e gerenciados na plataforma.
- Calendário: funciona como uma agenda escolar e permite a inclusão de eventos, tarefas, etc., com a possibilidade de gerenciar por turma/grupo.
- Reações: são *smiles*, que podem ser atribuídos a publicações, tarefas, etc.; têm função similar ao “curtir” do Facebook, isto é, são *feedbacks*. Este recurso é importante, pois, por meio dele, de maneira mais rápida do que por meio de uma mensagem, por exemplo, os alunos podem manifestar o que estão achando das atividades propostas, e os professores, por sua vez, podem inseri-los como forma de incentivo ou para reforçar algum aspecto que deve ser revisto pelo aluno. Ao todo, são 18 tipos diferentes de “carinhas”.
- Marcadores: esta função permite direcionar mensagens, anotações, tarefas, etc. para determinada pessoa ou grupo, selecionando-as no momento do envio.

- Conexão com outros professores: Assim como no Facebook, o Edmodo apresenta sugestões de perfis para estabelecer novas conexões. Também é possível convidar outros professores para fazerem parte da rede, bem como encontrar contatos, por meio de busca.
- Grupos: o professor pode criar diversos grupos, o que permite administrar diferentes turmas. Dentro de cada grupo, também é possível criar subgrupos, por exemplo, para serem utilizados em discussões de tarefas em trabalhos realizados em grupos, ou para fornecer atividades/materiais para alunos que apresentam interesses ou necessidades específicas. Para ter acesso aos grupos, é preciso inserir um código, isto é, o uso depende de um convite, o que garante privacidade e controle. Também se pode dividir o gerenciamento de um grupo com outras pessoas (coprofessor). Isso permite que professores trabalhem em conjunto, por exemplo, de modo interdisciplinar, ou ainda, que divida a administração do grupo com outra pessoa.
- Comunidades: o Edmodo possui diversas comunidades, no entanto, todas, ou a maior parte, até o momento (2013) ainda estão em inglês. Para receber as atualizações, é preciso segui-las. Ao abrir uma conta, automaticamente, todos os usuários são inseridos na Comunidade Suporte, o que facilita a comunicação, em caso de dúvidas ou problemas.
- Schedule: permite que o professor programe data e hora de envio de tarefas, alertas, anotações, *quizzes* e enquetes. Essa funcionalidade facilita o gerenciamento da plataforma, pois, por exemplo, é possível programar todas as postagens de uma disciplina de uma só vez, fazendo com que o professor tenha mais tempos para se concentrar apenas nos *feedbacks* dos alunos e na manutenção das discussões.

Apresentamos as principais ferramentas e funcionalidades da rede social educativa Edmodo. No entanto, há muitas outras. Como se nota, trata-se de uma plataforma bem completa, que possui potencial de uso muito interessante para a prática docente, pois contempla diversas necessidades. Há muitos tutoriais na Internet, alguns em língua portuguesa, que podem ajudar o usuário nos primeiros passos com a rede social educativa. O ideal, para a implantação em instituições de ensino, é que sejam realizadas oficinas de treinamento para os professores, não apenas para que conheçam melhor a ferramenta, mas também para estimulá-los a integrá-la, de maneira efetiva, às suas práticas.

Considerações finais

Em vista dos novos tempos e de uma nova geração digital que está emergindo, parece inevitável o surgimento de uma nova educação, que rompa com antigos paradigmas, baseada em modelos mais condizentes com a realidade que nos cerca. Dessa forma, procuramos discutir, neste artigo, como o uso das redes sociais, mediado por um educador, pode ser viável e minimizador da situação paradoxal na qual a escola está inserida. Não descartamos, porém, que esse caminho é processual e longo, com diversos desafios inerentes a essas mudanças.

Preocupamo-nos em enfatizar que a inovação tecnológica pede inovação pedagógica, isto é, mudanças nas práticas docentes. Caso contrário, a tecnologia se torna um meio eficiente apenas para reverberar ações didáticas e metodologias conservadoras.

Elegemos tratar da rede social educativa Edmodo, em razão das suas diversas possibilidades de uso, que viabilizam experiências positivas tanto para o professor quanto para o aluno. Ao longo do texto, intentamos ressaltar a ideia de que o uso efetivo de um recurso tecnológico depende de boas práticas pedagógicas. Nesse sentido, mostramos que, no processo educacional, a rede social, educativa ou não, é mais uma opção disponível para que o professor possa variar suas ações didáticas, tornando o ensino mais significativo e próximo da realidade do aluno.

No entanto, como qualquer outro recurso, deve ser entendida como apoio, isto é, meio. Desse modo, respondendo à pergunta que compõe o título deste artigo, percebemos que as redes sociais podem se configurar tanto como aliadas quanto como vilãs da educação, visto que dependerão sempre de um professor para mediá-las. E, isso, refletirá as suas práticas, pois, sintetiza Moran (1995):

As tecnologias de comunicação não mudam necessariamente a relação pedagógica. As tecnologias tanto servem para reforçar uma visão conservadora, individualista como uma visão progressista. A pessoa autoritária utilizará o computador para reforçar ainda mais o seu controle sobre os outros. Por outro lado, uma mente aberta, interativa, participativa encontrará nas tecnologias ferramentas maravilhosas de ampliar a interação.